

PRECURSOR DA SÉRIE DEUSES DO EGITO

COLLEEN HOOVER

AUTORA DE A MALDIÇÃO DO TIGRE



O DUELO DOS IMORTAIS



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Becca, Sam e Josh,
que me ensinaram a amar *Doctors*

A pretensão do amor

Antigo poema de amor egípcio

Com a fraqueza e a exaustão da mazela
Todo o dia na cama passarei;
Meus amigos virão para trelas
E entre eles ela eu verei.
Ela fará sentir vergonha aos médicos,
Eles que estarão sobre mim a ponderar,
Porque só ela, a minha amada,
Conhece bem o meu mal-estar.

A canção da pomba

Antigo poema de amor egípcio

Ouço a tua voz, ó rolinha...
Enquanto a alvorada se ilumina...
Exausta estou de amor, de amor.
Ó, para onde minh'alma caminha?
Não deve, ó formoso pássaro,
A alegria ser negada...
Pois encontrei meu amado, meu amor;
E estou por ele acompanhada.
Avançamos os dois, de mãos dadas
Caminhando por veredas floridas...
Sou da terra de todas a mais bela,
Porque ele assim me fez definida.

(Poemas extraídos de *Egyptian Myths and Legends* [Mitos e lendas egípcias],
por Donald Mackenzie – tradução livre.)

PRÓLOGO

Amadurecimento

Seth se agachou para dar uma olhada no rosto da mortal que tremia a seus pés. Tinha sido um acidente – um acidente maravilhoso, terrível, incrível. A euforia e o horror se retorciam em seu interior a ponto de ele se sentir quase fisicamente doente com o turbilhão emocional causado pelo que tinha feito. Pelo que ele... era.

Séculos tinham se passado sem nenhum sinal de que Seth algum dia iria dominar os próprios poderes. Osíris – alto e bonito, com o maxilar bem talhado e o sorriso fácil, o herói preferido de todos – ostentava suas habilidades desde garotinho. Ísis – a irmã linda, gloriosa e distante de Seth – era em todos os aspectos a deusa perfeita e intocável. Se Seth tivesse uma fração que fosse de sua capacidade de lançar feitiços e manipular a magia, agradeceria às estrelas e ficaria satisfeito com a parte que lhe cabia.

Até Néftis, por mais discretos que fossem seus poderes, tinha desenvolvido certo talento como vidente e a capacidade de traduzir as mensagens das estrelas muito antes dele.

Não era justo.

Seth ficou ali parado com os punhos cerrados ante esse pensamento, ignorando a mulher que se contorcia prostrada à sua frente.

Ele era o último filho. O mais novo. Não era culpa sua que as Águas do Caos já estivessem quase vazias quando nasceu; no entanto, era ele quem pagava o preço. Enquanto seus irmãos aprenderam a aperfeiçoar suas habilidades desde crianças e passavam as noites se exibindo uns para os outros, tudo que lhe restava era ficar observando, cheio de inveja, com o peito apertado e os dentes cerrados, imaginando quando, ou mesmo se um dia, encontraria seu lugar no universo.

Durante a adolescência desejeitada – que para os deuses era éons mais longa do que para os mortais, visto que seu ciclo de vida está mais para o das estrelas – ele havia treinado com determinação ao longo de dias e semanas seguidas, sem nunca parar para se alimentar nem descansar, até desabar de exaustão e se afundar no vale do peito do pai em busca de uma trégua. Ele tinha esperança de que o pai pelo menos reconhecesse seus esforços, talvez notasse o suor pungente que lhe escorria pela nuca e pelo rosto vermelho acalorado. Mas o deus da terra não ligava para essas coisas e, na realidade, considerava a dolorosa ausência de progresso do filho caçula algo bem menos do que digno de um deus.

Quando Seth reclamava e implorava por uma audiência, seu pai, Geb, respondia com um mero tremor de terra, isso quando se dava ao trabalho de responder. Aos poucos, Seth parou de procurar sua orientação.

Em seguida, voltou os olhos para os céus e implorou para a mãe, que olhou lá de cima para ele, as nuvens de seu cabelo se agitando. Não havia nada que ela pudesse fazer para confortá-lo, a não ser oferecer suas lágrimas. Gotas salgadas caíam e ele logo se via no meio de uma poça do pesar dela. Não. Geb e Nut não iriam ajudá-lo.

Uma vez, ele procurou o avô em busca de conselhos. Mas Shu, o deus do ar, só lhe disse que parasse de reclamar e se transformasse logo no deus que era. Se não conseguia fazer isso, devia se espelhar no comportamento do irmão mais velho, Osíris. E, para completar suas observações, Shu mandou uma ventania forte para secar as lágrimas do jovem Seth; no entanto, o vento quente o carregou até o outro lado da Terra antes que ele conseguisse reunir força suficiente para resistir ao poderoso empurrão de seu ancestral.

Não demorou muito para que parasse de procurar qualquer ajuda. Com o tempo, Seth deixou de buscar a companhia de seus parentes mais velhos e passou a ignorar os chamados deles para que participasse das arrastadas reuniões do recém-organizado Ennead.

Que importância tinham para ele as dificuldades dos mortais ou o governo do cosmos? O que esse mesmo cosmos tinha feito por ele? Além do mais, ele não suportava os olhares de pena das irmãs ou, pior, a expressão alvoroçada de prazer de ambas sempre que Osíris agraciava os salões de Heliópolis com sua presença.

Aliás, Seth só tinha visitado Heliópolis nos últimos cem anos para observar Ísis. Seth havia passado muitas e longas noites recostado entre as folhas dos galhos da árvore que roçava a janela dela. Ela quase sempre estava fora, dando conta de uma ou outra tarefa que o senhor de todos os deuses, Amon-Rá, lhe atribuía. Quando era assim, Seth abandonava a árvore, decepcionado, com

um torcicolo desagradável que não deveria incomodar nenhum deus que se prezasse. Mas, de vez em quando, sua paciência era recompensada e ele conseguia avistar a princesa de gelo sem empecilhos enquanto ela se preparava para dormir.

No começo, ele a espiava para tentar aprender seus segredos, memorizar os feitiços que ela criava e treinava antes de ir para a cama. Mas logo descobriu que, independentemente de quanto fosse meticuloso ou da precisão com que copiasse o feitiço, ele simplesmente não conseguia praticar a magia do mesmo jeito que ela. Ainda assim, ele se sentia atraído pela princesa e se via diante da janela dela com frequência.

Ísis era fria, linda e extraordinária. Seth a considerava a mais bem dotada entre os irmãos. Ali, acomodado sem conforto, noite após noite, ele imaginava que pudesse tomar as habilidades dela para si. Distorceria a magia dela e a adequaria aos próprios fins. Então ninguém mais o olharia com pena nem faria caretas ao ver suas tentativas frustradas de manipular a matéria. Não se ele tivesse os dons de Ísis à sua disposição.

No começo, Seth imaginava tomar o poder de Ísis. Depois, à medida que o tempo foi passando e ele se tornou adulto, suas fantasias se distorceram. Ele passou a alimentar sua obsessão claramente doentia e anormal por Ísis, a ponto de ignorar as próprias necessidades físicas. Passar fome era doloroso, mas isso não iria matá-lo, e os outros ou não se incomodavam com isso ou nem reparavam nas manchas escuras sob seus olhos ou nos cabelos ralos. E, de qualquer forma, ninguém prestava a menor atenção nele quando Osíris estava por perto.

Empoleirado nas sombras de sua árvore, observando-a escovar os cabelos, ele convocou uma levíssima brisa – algo tão insignificante que nem chegava a ser considerado um talento, mas que, no entanto, exigia muita energia dele – para lhe trazer o perfume do delicado pescoço dela. A fragrância disparou na direção de sua mão e ele a capturou e a manteve perto do rosto até que se dissipasse, horas mais tarde.

Então, entregando-se ao objeto que mantinha escondido durante o dia, Seth pegava a pena que tinha tirado da banheira dela e a acariciava, passando o polegar pela pluma macia em movimentos contínuos e vagarosos enquanto pensava na dona da pena. Quando Ísis finalmente caía no sono, ele se acomodava o mais confortável possível e continuava em sua vigília silenciosa, permitindo que seus pensamentos secretos e obscuros tomassem forma e ficassem raízes vacilantes na própria mente.

Se ele tivesse mais segurança, teria feito algo a respeito de seus sentimentos anos antes. Teria confrontado Ísis, mostrando que Osíris não era digno da atenção que ela lhe dedicava. Que o desejo verdadeiro era bem mais que um sorriso charmoso e ombros largos.

Não.

O desejo verdadeiro era o tremor que ele, Seth, sentia nas pernas quando olhava para ela, a necessidade de absorvê-la completamente. De criar um mundo onde só existissem os dois, em que pudessem ocupar seu lugar apropriado de rei e rainha do cosmos e ter todos os outros ajoelhados a seus pés, adorando-os. Era isso que ele imaginava quando olhava para Ísis. Não havia mais nenhuma mulher que fosse digna dele.

Principalmente agora que ele tinha domado seu poder. Apesar de toda a exaustão, da ansiedade e do medo que o paralisavam por ter demorado tanto tempo a domá-lo, Seth percebeu que todo o esforço tinha valido a pena. Porque sua habilidade era a mais terrível e mais fantástica de todas: ele tinha o poder de desfazer.

Isso foi comprovado pela forma como a mulher se contorcia no chão. Seth tinha se irritado com os choramingos histéricos dela. Ele havia ateadado fogo na plantação de trigo da mulher, sobretudo porque sabia que Osíris estivera ali no último ano e ficara falando a todos sobre a necessidade de cultivar e colher o próprio alimento.

Ver a evidência das pequenas e maduras habilidades de Osíris com as plantas – na opinião de Seth, tristes, ridículas e inúteis – o deixara irritado, por isso ele resolvera queimar a plantação. Talvez tenha sido por mesquinhez, talvez por inveja. De todo modo, aquilo iria magoar o garoto de ouro favorito de Amon-Rá. Além disso, Seth também gostava de ver os animais correndo na tentativa de fugir da fumaça e das chamas. Gostava de saber que as subcriaturas temiam a ele e ao seu poder. E usar sua recém-descoberta habilidade para atrapalhar o irmão fazia com que se sentisse bem, superior.

Foi então que a mulher apareceu. Ela veio correndo de sua casinha e se jogou aos pés de Seth, envolvendo-lhe as pernas com os braços grossos. O rosto redondo dela estava vermelho e inchado e ela implorava por misericórdia, pedindo ao “deus poderoso” que salvasse seu marido, que naquele momento fazia a colheita na plantação.

Quando Seth a ignorou e a empurrou para longe com um gesto brusco, ela exclamou que ele devia ser aquele de quem tinha ouvido falar, o “deus impotente”. Ela elevou a voz aos céus, lamentando-se e clamando para que Osíris a ajudasse.

O fato de uma mortal ter a ousadia de chamá-lo de impotente deixou Seth chocado e, ironicamente, imóvel. Mas rapidamente foi tomado por uma fúria que cresceu dentro de si. Qualquer compaixão que pudesse ter sentido antes pela mulher, por mais improvável que fosse, derreteu-se no calor de sua ira. Seth normalmente não sentia nada pelas criaturas mortais sobre as quais Amon-Rá e os outros estavam sempre falando.

Com o nome de Osíris ainda nos lábios da mulher, Seth a agarrou pelo pescoço, ergueu-a do chão e a sacudiu.

– Você vai parar com essa lamúria imediatamente! – Como ela não parou, ele a jogou no chão e gritou: – Pelos deuses, eu queria que os céus apagassem o seu rosto da minha visão!

Os gritos dela logo cessaram e a única coisa que se escutava eram os balidos dos animais e o crepitar do trigo que queimava. A mulher tinha se encolhido, ficando de quatro. Seu corpo todo se sacudia, mas nenhum som vinha dela.

Enfiando a ponta da bota sob o seu corpanzil, ele a empurrou para o lado, fazendo-a rolar. Seth então arquejou. No lugar onde antes havia um nariz adunco, lábios pálidos e finos e olhos muito próximos, ele agora só via uma forma oval vazia. Uma pele lisa feito a casca de um pêssego maduro se estendia no lugar onde devia haver um rosto.

As mãos da mulher se lançaram àquela pele onde antes ficavam a boca e o nariz, arranhando. Mas, como se um interruptor tivesse sido acionado, seu corpo se sacudiu e então ela desabou, morta. Sem boca nem nariz, não tinha como respirar. Seth ergueu a cabeça, chocado, fascinado e nauseado. *Será que ele tinha feito aquilo?*

Só para ter certeza, ergueu a mão e a estendeu sobre o pé da mulher, desejando que desaparecesse.

De repente, o pé, incluindo a bota enlameada que ela estava usando, evaporou no ar, deixando apenas um cotoco na ponta da perna. Em rápida sucessão, Seth desfez uma cobra que se esgueirava do meio do trigo em chamas. Em seguida, vários ratos desapareceram. Então ele saiu correndo, desfazendo animais, tanto por inteiro quanto em partes.

Fez pedras e árvores desaparecerem com um gesto da mão. E, quando deparou com a forma moribunda do camponês queimado, o marido da mulher que agora estava morta e sem rosto, Seth o desfez, pedacinho por pedacinho. Resolveu deixar apenas o torso e a cabeça do homem para saber exatamente quanto podia tirar de um mortal prolongando sua vida cheia de dor.

Agora ele estava pronto. Agora estava completo. Seu poder finalmente tinha chegado. E era maior do que jamais esperara.

Nada.

Ninguém.

Poderia desafiá-lo agora.

O mundo, o cosmos, estava pronto para ser saqueado, e sua primeira parada era a beleza que o assombrava.

Ísis era uma fruta madura pendurada em um galho baixo – succulenta, carnuda, implorando para ser consumida. E Seth nunca tivera tanta fome.



Desabrochar

Uma trombeta soou, seu eco percorrendo as colinas e os vales que circundavam Heliópolis. Ísis, que estava usando a roca de fiar, levantou-se depressa, o que fez com que a banqueta em que estava sentada tombasse para trás. O novelo de lã cinzenta em seu colo caiu no chão. As mortais em volta da deusa riram e estalaram a língua em fingida reprovação ao recolherem o material macio e sacudi-lo para tirar o pó.

– Vá, vá – exortaram elas, apressando-a. – Volte quando puder. Enquanto isso, vamos nos revezar treinando o que nos ensinou.

Ísis lançou-lhes um sorriso gracioso e tentou agir como uma deusa ao deixar o vilarejo, cumprimentando as pessoas na rua com acenos e passando a mão na cabeça das crianças que sempre corriam para ela, mas sua mente estava em outro lugar. O resultado foi que suas respostas saíram mais secas e distraídas do que o normal. No momento em que passou pelo muro de pedra que demarcava os limites da cidade, estendeu as asas poderosas e ganhou o céu.

A energia foi tomando conta do seu corpo à medida que os raios dourados do sol se refletiam em suas asas, aquecendo-a até o ponto de ela conseguir sentir também o rubor nas faces. Tocou o próprio rosto e se admirou com a empolgação que estava sentindo simplesmente porque *ele* tinha voltado. A sombra dela lá embaixo deslizava pelas montanhas e pelos vales por que passava, subindo e descendo como as emoções tempestuosas que tomavam conta de sua mente.

Ela continuou a se elevar no céu, o azul dando lugar ao negro, e ouviu os sussurros fugidios das estrelas que lhe davam as boas-vindas no regresso ao lar. Ao atravessar a barreira que separava o mundo mortal do domínio dos deuses, disparando pelo espaço feito um cometa ofuscante, a escuridão fechou-se em torno

dela, capturando sua forma, transportando-a para outra dimensão. Tudo era silêncio naquele espaço e, durante a transição, ela se entregou a suas reflexões.

Eram... inadequados os sentimentos que brotavam dentro dela. Ísis sabia disso, mas não podia lutar contra eles. E, no entanto, reprimir a maneira como seu coração batia de alegria só de pensar nele também parecia errado. Ainda assim, ela havia tentado agir como deusa ao ignorar a afeição que desabrochava durante o ano que passaram separados, desde que ele tinha partido para cumprir uma missão em outro lugar. Mas, agora que ele voltara, ela estava sentindo o alvoroço no coração mais uma vez e percebeu que não tinha conseguido arrancá-lo dali completamente.

Apesar de Ísis ter sempre gostado de seu trabalho – ensinar as mortais a tecer, a moer o milho e a usar plantas e ervas para a cura –, aquela outra coisa, aquele outro *alguém* em sua vida ultimamente vinha ocupando seus pensamentos a ponto de deixá-la distraída. Ela sempre se pegava sonhando acordada ou com o olhar perdido, imaginando onde ele estaria naquele momento e se estava pensando nela do mesmo jeito que ela pensava nele.

À noite, quando ia para a cama, as asas pesadas envolvendo seu corpo, Ísis se pegava desejando que as penas macias fossem na verdade os braços do deus. Ele sempre fazia isso quando eram mais novos. Segurava as asas junto ao corpo dela quando brincavam de pega-pega, sem nunca machucá-la, mas impedindo que fugisse até que ela admitisse que ele a havia capturado. Ultimamente ela se pegava imaginando aquelas caçadas, mas agora *queria* que ele a capturasse. A ideia do que poderia acontecer depois sempre a deixava sem fôlego, e com isso o sono ia embora.

Homens mortais costumavam cair a seus pés, implorando por sua atenção e prometendo devoção eterna. Alguns até tinham coragem de estender as mãos para tocar em suas asas sensíveis. Mas bastava um só olhar dela para que baixassem as mãos, com medo.

Apesar de relacionamentos com mortais serem tecnicamente permitidos, Ísis nunca tinha conhecido nenhum homem interessante o bastante para ser considerado. Além do mais, o tempo de vida de um mortal era como um piscar de olhos para uma deusa. Se ela se permitisse gostar de um mortal, iria vê-lo envelhecer e sofrer com doenças ou mesmo com as intempéries.

Ísis achava que seria cruel se apegar a um mortal. Ela tinha visto Seth brincar com as emoções dos humanos, e aquilo nunca acabava bem para eles. Os com sorte ficavam ansiando por ele durante anos enquanto ele ficava desaparecido. E os sem sorte... bom... ela não queria pensar nisso. Seth

tinha... pavio curto. Não. Ísis sempre seria o que era – uma deusa. E o amor de uma deusa era suficiente para enlouquecer um homem mortal.

Além do mais, havia o fato de que a figura de Ísis era intimidadora, por mais que seu coração fosse bondoso. Mais alta do que qualquer mulher humana que já vira, era também mais alta do que quase todos os homens. Mas seus olhos tempestuosos e sua silhueta eram uma tentação para qualquer mortal. Muitos deles procuravam cair em suas graças com oferendas de bugigangas entalhadas ou joias. Ela aceitava com ares de deusa e em troca prometia cuidar do vilarejo ou dos entes queridos deles.

Mas nunca encorajava seus sutis avanços amorosos. E qualquer homem que se mostrasse ousado a ponto de precisar ser dissuadido era mandado embora. As mulheres que a serviam se asseguravam de que tais homens fossem banidos de sua presença e que nunca mais fizessem propostas. Ísis não dava nenhum sinal de que se sentia solitária e de que estava à procura de um companheiro, mas, mesmo assim, à medida que os longos anos se estendiam à sua frente, foi percebendo que, nos recessos mais secretos de seu coração, era o que de fato desejava.

Certa vez, confessou esse anseio a sua irmã de fala macia, Néftis, a única pessoa que ela sentia que a conhecia de verdade. Néftis não só tinha um comportamento diferente, sendo muito mais acessível do que Ísis, como a aparência das duas também era completamente distinta, apesar de terem os mesmos pais.

Não que Néftis fosse feia. Longe disso. Ela só era pequena e quieta, e tão discreta que geralmente era relegada a segundo plano. Mas Néftis continuava sendo uma deusa em todos os sentidos. Os cabelos louros e compridos sussurravam ao vento como um campo de trigo e caíam em cascata até quase chegar a seus pés. Asas delicadas com pontas sutis de prata se dobravam em suas costas tão perfeitamente que eram quase invisíveis, e os olhos tão azuis quanto ovos de tordo eram lindos.

Era reconfortante estar perto dela, porque ela amava absoluta e completamente. Nunca era invejosa, cruel ou condescendente. A irmã caçula enxergava o bem em tudo e em todos. Ninguém era capaz de escutar e se solidarizar tão bem quanto Néftis. Para Ísis, ela era a deusa perfeita, que nunca permitia que emoções conflituosas a distraíssem de suas obrigações e, portanto, era muito mais competente do que Ísis sentia ser.

Muitos mortais também desprezavam Néftis, achando que ela não tinha poderes, mas Ísis considerava as habilidades invisíveis da irmã as mais poderosas de todas. Quando foi conversar com ela a respeito de seus anseios por um com-

panheiro de verdade, sem mencionar uma pessoa específica, Néftis a escutou. Segurou a mão de Ísis, os olhos azuis bem abertos e compreensivos, a atenção totalmente voltada para a irmã. Néftis confessou que ela também tinha esse desejo. E então disse algo chocante, que desde então Ísis não esquecerá.

Néftis se inclinou para a frente e falou, quase em um sussurro:

– As estrelas me dizem que existe alguém destinado a você.

– Será verdade? – Ísis segurou a mão da irmã com força. – Você viu isso?

– Vi – Néftis respondeu com um sorriso terno. – Há muita felicidade no seu futuro. – Então o sorriso empalideceu um pouco.

– E para você? – Ísis perguntou, imaginando o que a irmã teria enxergado para deixá-la triste. – Você vai ser feliz?

Néftis soltou um suspiro fraco.

– Vou, sim. No fim. Infelizmente, há provações pela frente para nós duas.

– Mas, onde há amor, as provações podem ser suportadas.

– Você é sábia, irmã.

– Assim como você – Ísis concluiu.

Néftis assentiu, acanhada, aceitando o elogio ao abraçar a irmã com força, fazendo as asas de ambas se agitarem.

Ísis deu o braço para a irmã, se levantou, e as duas deusas saíram caminhando pelo jardim, com Ísis implorando a Néftis que lhe desse detalhes.

– Então, fale mais a respeito desse homem que vai ser meu amor verdadeiro.

Néftis riu e replicou:

– Você sabe que não funciona assim com as estrelas. Eu não consigo enxergar tudo.

– Ah, mas com certeza pode me dizer algo. Ele é bonito? Tem olhos bondosos? Por favor, diga que não é mais baixo do que eu. Por acaso ele é... mortal?

– Não. Não é mortal – respondeu a irmã em tom evasivo.

As duas dividiram seus desejos e sonhos secretos até que Ísis suspirou e se deteve, a testa se franzindo. Ela segurou o ombro de Néftis.

– Chega de ficar fantasiando, irmã – disse baixinho. – Por mais que eu queira que seja verdade, não é possível que aconteça o que você diz.

– Estou dizendo que *vai* acontecer.

– Mas há o édito. Como uma coisa dessas pode ser possível? Para nós duas?

Néftis ergueu a cabeça, fechou os olhos e respirou fundo. Ísis sabia que ela estava buscando respostas que ainda não existiam. Quando tornou a abri-los, disse:

– Não sei. Mas as estrelas não mentem. O que eu vi vai acontecer. – Com um sorrisinho maroto, completou: – Confie nas estrelas, minha linda irmã.

E assim Ísis fez. Continuou com seu trabalho, a princípio com fé absoluta nas coisas que a irmã tinha dito. Décadas se passaram, cheias de anseio e esperança. Mas quanto mais homens ela conhecia, mais hesitante ficava. Nenhum deles (mortal ou imortal) chamava sua atenção ou fazia seu coração bater mais forte. Ísis começou a se desesperar, pensando que o presságio da irmã estava errado. Que as estrelas tinham enganado Néftis ou que, no mínimo, ela não havia compreendido bem os sinais.

Então, numa noite de verão, as trombetas soaram anunciando que era chegado o momento de o Ennead se reunir, o tempo de todos os deuses se encontrarem. Fazia mais de uma década que ela não o via, mas algo tinha mudado entre eles durante o período em que ficaram afastados. Quando ele a pegou no colo e beijou-lhe ambas as faces, foi... diferente de antes. O calor do corpo dele pareceu demorar-se nela, apesar de ele a ter soltado para abraçar Néftis.

Ela se viu a buscá-lo com os olhos a noite toda e tentou se sentar ao lado dele. Quando viu que o lugar já estava ocupado, ficou olhando-o de longe, tentando entender o que poderia ter acontecido com ele, que mudanças teriam ocorrido para que ela tivesse a sensação de vê-lo pela primeira vez.

Seria o comprimento de seu cabelo? O brilho de sua pele bronzeada pelo sol? Quando ele sorria, ela se sentia especial, como se ele estivesse lhe contando um segredo, algo destinado somente a ela. Enquanto ele contava histórias sobre suas aventuras, ela ficou imaginando se ele não estaria olhando mais na direção dela do que na dos outros. Quando as festividades da noite terminaram, Ísis já sabia que as estrelas tinham lhe dado o presente prometido, aquele que ela esperava havia tanto tempo.

O conselho foi suspenso por aquela noite e aquele cuja atenção ela buscava alongou o corpo e se levantou para se retirar. Bem rápido, Ísis também se levantou e perguntou se podia acompanhá-lo. Ele assentiu, os olhos brilhando ao lhe oferecer o braço. Juntos, caminharam pelos longos corredores de Heliópolis, ele fazendo apenas perguntas educadas, mas a única coisa em que ela conseguia se concentrar era na maneira como seu coração se acelerava. Ísis se perguntava se ele estava sentindo sua pulsação no lugar em que o punho dela tocava seu braço musculoso, de tão forte que batia o coração dela.

Ao chegarem à ala que lhe era reservada quando estava hospedada no palácio de Amon-Rá, ele fez uma pausa e tocou a face dela de leve com o dedo.

– O que foi, Pequeninina? – perguntou ele.

Ela deu um sorriso nervoso ao ouvi-lo chamá-la pelo apelido que ele tinha lhe dado. Ela fora mais alta do que ele durante toda a adolescência e

“Pequenina” tinha sido o jeito dele de provocá-la, mas agora sua altura superava a dela em mais de 10 centímetros, o que não era pouco, até mesmo para um imortal. Ísis sempre se irritava quando ele a chamava assim, mas agora o nome causou uma sensação diferente. Soou mais como um termo afetuosos.

– Eu... – ela começou a dizer enquanto erguia os olhos para os dele. Uma agitação deixou seus nervos à flor da pele e suas asas se ajeitaram em um movimento suave atrás dela. – Senti saudade de você – finalmente conseguiu dizer.

Ele riu, gentil.

– Também senti saudade de você.

Ela assentiu e baixou o olhar.

Ele afastou a cabeça e tentou avaliar a expressão dela.

– Tem algo mais, não tem?

– Tem. – Uma pausa, e então: – Não. – Ísis retorceu as mãos e com a língua umedeceu os lábios, que de repente ficaram secos.

Ele tomou as mãos dela e as sacudiu levemente.

– Algo deve estar perturbando você de verdade. Nunca imaginei que a deusa Ísis pudesse agir de maneira tão confusa.

Ísis abriu a boca, mas não conseguiu falar nada.

Ele estreitou os olhos.

– Alguém magoou você, Pequenina?

– Não. Pelo menos, não exatamente.

– Sei. E quem *não exatamente* está magoando você?

Os olhos dele ficaram frios e duros; o corpo, rígido. Raiva irradiava dele.

– Não é uma pessoa. – retrucou ela. – É mais uma ideia.

Isso fez com que ele parasse para pensar.

– Como assim?

Ísis soltou um leve suspiro e ficou imaginando como explicaria seus sentimentos. Será que ele iria rejeitá-la ali mesmo? Será que ficaria chocado com sua ousadia? Ou será que ele, talvez, quisesse o mesmo que ela?

– Ando pensando nas leis que nos governam – começou ela. – E considero uma delas especialmente difícil de seguir.

– Qual exatamente?

– A que diz que não temos permissão para nos unir, como Nut e Geb fizeram.

– Ah... – Ele largou as mãos de Ísis e lhe deu as costas. Com a postura ereta e rígida, perguntou: – Então você achou alguém para amar?

– Acho que sim. Na verdade, já faz muitos anos que eu o amo.

Sentindo-se corajosa, Ísis se aproximou dele, abriu as asas e o envolveu com uma delas enquanto ficavam ali lado a lado. Quando eram crianças, ela costumava escondê-lo embaixo das penas reluzentes para que pudessem planejar suas travessuras em segredo. Agora o gesto parecia diferente, novo, como se ela estivesse abrindo outro capítulo em sua vida.

Ele suspirou e se voltou para ela, o rosto oculto na sombra de sua asa.

– Você sabe que a lei só se aplica aos imortais, Ísis. Por isso, não deve se preocupar em relação ao seu amor recém-encontrado. Diga-me, então, a que mortal eu devo dar os parabéns?

– Não estou apaixonada por um mortal – disse Ísis.

Ele deixou a cabeça pender para o lado e buscou esclarecer:

– Então ele é imortal?

– É. Mas é complicado.

– Eu diria que sim, apesar de os limites da lei serem incertos em relação a certos imortais. Seu amor talvez seja possível.

– Tem mais uma coisa. Ele ainda não sabe o que eu sinto por ele...

– Não sabe se ele corresponde ao seu afeto? – Ele correu a mão pelos cabelos e balbuciou: – Essa foi uma pergunta idiota. Claro que ele corresponde ao seu afeto. – Erguendo os olhos até os dela, tocou-lhe o maxilar com a ponta dos dedos. – Como poderia não corresponder? – Ele lhe deu um breve sorriso e baixou a mão. Então suspirou. – Imagino que ele seja bonito.

– Incrivelmente bonito.

– Ele é gentil com você?

– Sempre foi.

– E é digno de você?

– Não consigo pensar em ninguém que seja mais digno.

– Então, por que ele não sabe?

Ísis pousou a palma da mão no ombro dele e a deslizou pelo seu peito até cobrir-lhe o coração.

– Porque ele passou muito tempo longe – falou Ísis baixinho.

A testa dele se franziu e então a perplexidade alisou as rugas de sua confusão.

– Ísis... você não pode estar falando sério.

– E se estiver?

Depois de tomar a mão dela, ele acrescentou, com um sibilo quase desesperado:

– Isso é proibido.

– Achei que já tínhamos conversado sobre esse aspecto.

– É, mas... isto é diferente. Pense nas consequências.

– E quais são as consequências de uma vida sem amor?

Com cuidado, ele tirou a mão dela de seu peito e a apertou entre as suas.

– Não pode estar falando sério, Ísis. Você não compreende.

– Eu compreendo a solidão e o anseio. – Ela fechou a outra asa em torno dos dois, envolvendo-os completamente. – Compreendo agora que sempre foi você. – Ele engoliu em seco, e quando ela viu a expressão de pânico no rosto dele, deu um passo para trás. – Então você... você não sente nem um pouquinho de afeição por mim?

Nas sombras criadas pelas asas dela, ele a segurou pelos ombros e fez com que se afastasse dele.

– Ísis... Ísis, olhe para mim.

Quando ela finalmente o fitou, ele disse:

– A última coisa que quero é magoar você, mas não podemos. Eu não posso. Não importa o que eu sinta. Não importa a força da nossa conexão. Não é permitido.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

– Então você... você não sente.

Ele segurou o rosto dela entre as mãos e usou os polegares para enxugar as lágrimas dela enquanto praguejava entre dentes.

– Sinto muito. Você não sabe como eu queria... Olhe, você não vai ficar sozinha. Eu sempre vou estar com você. Prometo.

– Não vai ser a mesma coisa.

– Não, não vai.

– Eu não sabia como isso doeria.

– Então vou parar de falar sobre o que não pode ser e dizer o que pode, está bem?

Ísis assentiu de leve, as lágrimas ainda escorrendo pelo rosto.

– Posso ser seu amigo – disse ele, correndo os dedos por uma mecha do cabelo dela. – Posso ser seu protetor. – Ele a envolveu em um abraço apertado e sussurrou em seu ouvido: – Vou ser seu confidente e guardar os seus segredos. – Beijou a bochecha molhada dela. – Vou ser seu aliado. – Passando para a outra bochecha, acrescentou: – Vou ser seu defensor.

Ele tocou na testa dela com a sua e estava para dizer mais alguma coisa quando ela interrompeu:

– Mas não vai ser o meu amor.

Ele ficou paralisado e em seguida recuou um passo. Ela ergueu os olhos tempestuosos para ele, imobilizando-o.

– Não vamos compartilhar momentos no seu jardim nem rir juntos de lembranças que apenas nós dois dividimos. Não vamos desabar um nos braços do outro enquanto rolamos colina abaixo. Não vamos descobrir juntos o que realmente significa se dedicar por inteiro ao bem-estar do outro. Nem compreender um amor tão poderoso que faça com que a gente se agarre a ele com as pontas dos dedos, como Geb e Nut. Você não vai me acalmar com beijos nem com carícias reconfortantes quando eu estiver triste ou cansada. Eu não vou saber que você procura o meu rosto entre todos os outros. Nem poderei dizer que você é meu. Mas, pior de tudo, você não vai me tomar nos braços todas as noites quando nos recolhermos depois de um longo dia, uma longa década ou um longo século de trabalho. Está destinando a mim... a nós... uma vida muito longa e de potencial limitado, de não saber, de não descobrir. Então pergunto mais uma vez, meu amor: tem certeza de que essa meia vida é o que você quer?

Ísis fitou os olhos perturbados dele e deslizou as mãos por seus ombros largos até entrelaçar os dedos atrás de sua nuca. Nunca na vida ela havia desejado tanto uma coisa. Estar prestes a consegui-la e saber que a qualquer momento poderia perdê-la para sempre era uma experiência arrebatadora e apavorante – algo que ela nunca tinha vivido antes – e que não trocaria por nada.

Sacudindo a cabeça de leve, ele começou:

– Ísis, eu quero... – mas se interrompeu e só ficou olhando para ela.

O que Ísis viu nas profundezas dos olhos dele fez seu coração se acelerar. Os corpos dos dois estavam unidos, os lábios dele tentadoramente próximos dos seus.

Mantido cativo pela leve pressão das asas dela em suas costas e pela tentação de seus lábios, ele baixou a cabeça na direção da dela e tocou sua orelha com o nariz, tentando desesperadamente convencer-se de que poderia parar a qualquer momento. Que ainda não tinha avançado o suficiente para não conseguir mais parar. Mas, quando sentiu o cheiro dos cabelos dela, acariciou a maciez de sua pele e sentiu a extensão flexível do corpo dela contra o seu, viu que estava perdido.

Seus lábios marcaram uma trilha de fogo da têmpora dela até a curva do maxilar. Ísis gemeu baixinho e colou-se ainda mais a ele enquanto jogava a cabeça para trás a fim de lhe dar acesso ao seu pescoço, fechando os olhos

para saborear a sensação dos lábios dele em sua pele. Era isso que ela havia desejado. Era o que ela ansiava. Um homem que a amasse integral e completamente. Que fosse seu companheiro para sempre. Um homem que compartilharia seus pesares, assim como suas alegrias.

Lenta e dolorosamente, ele fez o caminho inverso do pescoço dela até a lateral do rosto, e justamente quando ela antecipava o beijo, se afastou. As mãos que a seguravam tremeram. O maxilar dele estava contraído, a boca traçava uma linha de infelicidade.

Finalmente ele abriu os olhos. Estavam cheios de dor e arrependimento.

– Sinto muito, Pequeninha. Você não sabe quanto eu sinto.

Com isso, ele deu meia-volta e desapareceu, deixando um vazio gelado no lugar onde antes estava seu corpo.

Ísis fechou as asas em volta de si mesma, tentando conter o calor daquele momento passional, mas esse foi escapando devagarzinho até não sobrar nada além de uma sensação de perda.

Na manhã seguinte, ele já havia partido.

Um ano se passou sem que ela o visse, um período curto para o padrão dos deuses, mas ela sentira cada dia de separação como um minúsculo machucado entalhado em sua alma. E agora ele tinha voltado e, apesar de tudo que havia acontecido, Ísis tinha mais certeza do que nunca de que o amor que ela sentia era real e verdadeiro. Era um presente das estrelas que não devia ser recusado nem desperdiçado.

Ísis aterrissou de leve no mármore da sacada e fechou as asas atrás de si. Saiu em disparada pelos corredores e pórticos, procurando sem encontrar, até que finalmente o achou. Estava em uma sala, sozinho, as costas voltadas para ela enquanto examinava a lista mais recente de preocupações e deveres de Amon-Rá.

A visão dele a encheu de uma estranha vertigem combinada com ansiedade. Ela havia esperado por ele um ano inteiro – o mais longo em sua memória. E esse momento, esse reencontro, não lhe seria negado. Ísis tinha abafado as chamas de seu amor até que elas ardessem devagar, em silêncio, como brasas. Mas vê-lo outra vez atçou o fogo, reacendendo-o e fazendo-o voltar a queimar forte em seu peito, ameaçando incinerar qualquer coisa que ousasse se colocar em seu caminho.

Ele não devia tê-la ouvido chegar, porque não se virou, não até que ela dissesse seu nome, o nome que tinha sussurrado em seus sonhos.

Osíris.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br